

## O PROBLEMA DA INTENÇÃO NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Prof. Me. Newton Paulo Monteiro  
Faculdade Alfredo Nasser  
www.faculdadealfredonasser.edu.br

**Resumo:** Uma grande parte das teorias científicas nas ciências em geral eliminou a noção de intenção de suas explicações. No entanto, um conjunto de teorias linguísticas não apenas retém a ideia de intenção como também a considera como fundamental em seus modelos explicativos. Este estudo aborda algumas das implicações desta opção teórica.

**Palavras-chave:** Estudos Linguísticos, intenção, comunicação, ciência

### Introdução

A noção de intenção é essencial nas teorias que enfatizam usos linguísticos em situações comunicativas. Isto se aplica aos estudos discursivos, conversacionais, pragmáticos e textuais. Mas, apesar de sua importância, a ideia de intenção implica questões pouco explicitadas e compreendidas. Este estudo se propõe a discutir alguns problemas comuns às *teorias intencionais da linguagem*.

### Metodologia

Este estudo se insere na perspectiva da metateoria linguística, consistindo em uma investigação reflexiva e bibliográfica de natureza interdisciplinar. Foram consultadas referências dos Estudos Linguísticos, Filosofia da Mente, Filosofia da Ciência, História da Ciência e Ciência Cognitiva.

### Resultados e discussão

As questões relativas ao problema da intenção nos estudos linguísticos podem ser agrupadas em três grupos principais: (a) a questão das explicações finalistas na ciência; (b) o problema de outras mentes, e; (c) a distinção entre fatores sociais e subjetivos na explicação dos fenômenos comunicativos.

#### (a) a questão das explicações finalistas na ciência

A ciência tem como objetivo elaborar explicações sobre a realidade. Nesse sentido, a explicação causal é privilegiada, especialmente nas ciências naturais. Esta maneira de compreender o conhecimento científico remonta a Aristóteles e sua teoria das quatro causas: a eficiente (ou motriz), a final, a formal e a material. Dentre essas, a causa final (ou teleológica; do grego *teleos*, fim) foi considerada por Aristóteles como a principal. Esse modo de pensar predominou até o advento da ciência moderna, de

caráter mecanicista, fazendo-se presente ainda no século XVIII conforme evidenciado por Bachelard (1996). Contudo, na modernidade, cientistas e filósofos passaram a rejeitar a visão de mundo aristotélica e sua predileção pelas explicações finalistas, mantendo, quando muito, uma versão modificada da causa eficiente como modelo predileto de explicação científica (HEGENBERG, 1973; ROSENBERG, 2009; VIANA, 2001).

Com essa guinada conceitual, passam a ser rejeitadas, como não-científicas, as explicações que apelam para noções como finalidade, objetivo, propósito, vontade e intenção, uma vez que se tratam de explicações finalistas. Um motivo para tal rejeição é que as explicações finalistas tendem a “explicar as causas em termos de seus efeitos”, invertendo o que seria a ordem natural, como, por exemplo, na ideia de que o coração existe para bombear o sangue (ROSENBERG, 2009, p. 81).

Teorias linguísticas formalistas como o estruturalismo e o gerativismo eliminam essa problemática por excluir de seus modelos a noção de sujeito. O mesmo ocorre nas teorias de outras ciências humanas e sociais, que por muito tempo optaram por um modelo de ciência positivista. Até mesmo a noção marxista de ideologia e o conceito de inconsciente da psicanálise participam desse ideal da ciência moderna. Não havendo intenção, as ações humanas passam a ser explicadas por outras condições. É assim compreensível que a Análise de Discurso Francesa com suas origens marxista, psicanalítica e estruturalista seja especialmente avessa à noção de intenção.

Para as teorias intencionais da linguagem, o desafio está em estabelecer as bases da noção de intenção com rigor teórico e científico, e que resultem em explicações satisfatórias dos fenômenos comunicativos. Embora hoje se rejeite o padrão de cientificidade das ciências naturais, a questão ainda merece atenção, pois também tem consequências para a elaboração conceitual, a prática e as aplicações das teorias intencionais.

### **(b) o problema de outras mentes**

O problema de outras mentes é de natureza filosófica. De maneira direta, pode-se dizer que o problema consiste no seguinte: como é possível atribuir um estado mental - intenção, vontade etc. - a mente de outro sujeito visto que não se tem acesso aos seus

processos mentais? (MASLIN, 2009). De maneira geral, explica Maslin, os filósofos não chegaram a uma solução definitiva para o problema de outras mentes.

Contudo, como argumenta Searle (2010, p. 220), “deu-se um grande passo no desenvolvimento das ciências naturais quando a concepção medieval de que toda explicação seria essencialmente intencional foi substituída, no século XVII, por explicações que recorrem a leis da natureza gerais e não intencionais”. Assim, para o caso do desenvolvimento das ciências humanas e sociais, faz-se necessário levar em conta a ideia de intenção, uma vez que estas apresentam em seu modelo explicativo características lógicas distintas daquelas das ciências naturais. Dentre os estudos que buscam sustentação empírica para a ideia de intenção, é digno de menção as pesquisas de Michael Tomasello e seu grupo, para quem os seres humanos possuem a habilidade de reconhecer outros humanos como ‘seres intencionais iguais a si mesmo’ (2003). Tomasello (2003, 2005) faz referências a estudos que constataram que crianças pequenas são capazes de compreender uma tarefa apresentada por um adulto, identificando intenções a partir do acompanhamento do olhar. Além disso, esses estudos demonstram que os seres humanos são únicos em demonstrar intencionalidade compartilhada, a habilidade de participar conjuntamente por meio da interação na busca de objetivos comuns. Nesse sentido, o próprio processo de aquisição da linguagem se sustentaria na dinâmica interacional que se desenvolve como parte da atenção e de intenções compartilhadas.

Esses estudos oferecem algum fundamento empírico para as teorias intencionais da linguagem, mesmo que nem todas as questões filosóficas em torno da questão sejam resolvidas. Isto constitui uma vantagem explicativa significativa na compreensão de fenômenos comunicativos. Destaque-se que tais estudos empíricos conferem um lugar relevante ao processo interacional, o que diferencia essa abordagem das questões apresentadas por Maslin (2009), que se baseiam na ideia de observação do comportamento como ponto de partida para a inferência de estados mentais, como a intenção.

**(c) a distinção entre fatores sociais e subjetivos na explicação dos fenômenos comunicativos**

Japiassu (2002) identifica nas ciências humanas a tendência para oscilação entre explicações que enfatizam o indivíduo e aquelas que privilegiam a sociedade. No caso dos estudos linguísticos, a questão da intenção (ou propósito comunicativo) é problematizada por Askehave e Swales (2001) e Searle (2010) tendo em vista os fatores sociais e subjetivos. Nesse caso, a principal questão diz respeito a como distinguir as intenções de um sujeito das intenções de um grupo social. No campo dos estudos dos gêneros textuais/discursivos, especialmente na abordagem de Swales, a questão ganha relevância devido ao fato de que a própria definição de gênero textual parte da compreensão de que os gêneros servem a objetivos que são reconhecidos e legitimados socialmente. A própria ação comunicativa da qual o gênero emerge e sua organização retórica refletem as intenções reconhecidas coletivamente. Searle argumenta que as duas tendências não são abordagens rivais, embora nem sempre isto seja admitido, visto que tratam de questões diferentes do uso da linguagem. Ao abordar os fenômenos relativos aos usos da linguagem, torna-se necessário ter clareza sobre em quais desses aspectos se fundamentam as explicações científicas.

### **Conclusões**

Este breve estudo procurou sintetizar as questões relacionadas à presença da ideia de intenção nos estudos linguísticos. Embora esta noção não faça parte de todas as teorias das quais se ocupam os linguistas, é bastante claro que um número significativo delas se faz cada vez mais presente, o que também aumenta o impacto de seus estudos em questões práticas como o ensino de línguas. Desse modo, uma visão mais geral e aprofundada da relevância e dos problemas que cercam a ideia de intenção nos estudos linguísticos é de interesse não apenas para pesquisadores e teóricos do campo, mas também para os que se reportam a essas teorias no desenvolvimento de sua prática profissional.

### **Referências**

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**. 22/2. 195-212, 2001.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

HEGENBERG, L. **Explicações científicas: introdução à filosofia da ciência**. 2 ed. São Paulo: EPU / EDUSP, 1973.

JAPIASSU, H. **Introdução às ciências humanas: análise de epistemologia histórica**. 3 ed. São Paulo: Letras & Letras, 2002.

MASLIN, K. T. **Introdução à filosofia da mente**. 2 ed. Trad. Fernando José R. Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ROSENBERG, A. **Introdução à filosofia da ciência**. Trad. Alessandra Siedschlag Fernandes e Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2009.

SEARLE, J. R. **Consciência e linguagem**. Trad. Plínio Junqueira Smith. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

TOMASELLO, M et. ali.. Understanding and sharing intentions: The origins of cultural cognition. **Behavioral and Brain Sciences**. Vol. 28, 05, October 2005, pp 675-691.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIANA, N. **A questão da causalidade nas ciências sociais**. Goiânia: Edições Germinal, 2001.